

A Tradução e a Introdução da Obra de Fernando Pessoa na China

Cristina Zhou*

Na China contemporânea, o conceito de tradução de literatura estrangeira combina-se, muitas vezes, com o de introdução. Sendo obrigatória a orientação marxista, a literatura no contexto chinês tem necessariamente a missão de ser útil e de servir a sociedade. A tradução de literatura estrangeira também não está isenta desta missão. Consequentemente, os tradutores têm que introduzir os autores estrangeiros à realidade chinesa. Este esforço reflecte-se nas apresentações que acompanham ou que precedem as traduções. Nestas apresentações, além de dar informações biográficas dos autores e especificar a sua importância na história da literatura, os tradutores costumam justificar as razões da tradução para chinês.

A tradução-introdução (译介) de literatura europeia na China existe, pelo menos, desde os finais do séc. XIX até hoje. Porém, a tradução-introdução de literatura portuguesa na China é muito mais recente e bastante particular. Este trabalho visa focar no caso de Fernando Pessoa, contextualizado na breve e idiossincrática história da tradução-introdução da literatura portuguesa na China. Pretendemos apresentar os contornos deste caso em questão, realçando e comentando as publicações que nos parecem mais fundamentais. Depois de ter uma noção dos aspectos históricos e actuais do nosso caso, pretendemos, no final deste trabalho, avançar com algumas sugestões para o futuro.

Antes de mais, julgamos necessário esclarecer alguns aspectos importantes da língua chinesa. A língua oficial da República Popular da China é, desde 1956, *Putonghua* ('linguagem comum normalizada', vulgarmente designada como "Mandarim") na oralidade; *Hanzi* normalizado (caracteres *Han* normalizados ou simplificados) na escrita. A língua oficial da Região Administrativa Especial de Macau é cantonês na oralidade e *Hanzi* (caracteres *Han* tradicionais) na escrita. Embora haja alguma polémica, o cantonês ainda não é considerado como uma língua, uma vez que só existe oficialmente na oralidade. No que diz respeito à escrita, apesar de muitas diferenças entre os caracteres simplificados e tradicionais, normalmente não há grande dificuldade, para quem domine uma forma da escrita, em ler e entender a outra forma. Devido a razões históricas, a tradução-introdução da literatura portuguesa na China cruza simultaneamente dois contextos: o da

* Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

China continental e o de Macau.¹ A publicação em Macau é independente da China continental. No entanto, é de notar um intenso intercâmbio cultural desde os anos 80 entre Macau e a China continental, especialmente na área do ensino da língua portuguesa. Graças a várias colaborações bilaterais, ainda hoje se encontram disponíveis, nas bibliotecas de algumas universidades chinesas, algumas obras literárias portuguesas traduzidas para o chinês, sendo a maior parte em caracteres tradicionais. Muitas traduções foram feitas nos anos 80 com o apoio do Instituto Cultural de Macau. A tradução-introdução de literatura portuguesa é, como podemos ver, intimamente ligada ao contexto académico e muito sensível à dinâmica da colaboração entre a China continental e Macau.

Vale a pena olharmos também para a presença da língua portuguesa no mundo académico da República Popular da China. É neste contexto que se formam os tradutores, professores e investigadores chineses de literatura portuguesa, hoje activos na China e pelo mundo. Este grupo é relativamente jovem e bastante restrito. O ensino da língua portuguesa foi introduzido nos anos 60. Além de ser uma introdução já bastante tardia em relação a algumas outras línguas europeias, surgiu numa altura rigorosamente condicionada pelas necessidades políticas e ideológicas. Até 2004, só havia três universidades a ensinar português na China continental: a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, a Universidade de Estudos Internacionais de Xangai e a Universidade de Comunicação da China (em Pequim). Neste momento, devido principalmente às necessidades económicas, há na China continental mais de vinte universidades e institutos de ensino superior a ensinar português. Contrastando com esta velocidade vertiginosa da abertura dos cursos de língua portuguesa nas universidades (com ou sem preparação para funcionarem), a tradução-introdução de literatura portuguesa, e de literatura de língua portuguesa em geral, tem dado passos muito hesitantes.

Neste grande contexto, é notável que a recepção dos escritores portugueses em geral, comparada com a dos autores de língua inglesa, russa, francesa ou alemã, ainda seja muito limitada. O caso de Fernando Pessoa, porém, talvez seja um pouco mais complexo. Entre os autores portugueses traduzidos para o chinês, ao lado de Camões, Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Júlio Dinis e José Saramago, Fernando Pessoa é o autor que consegue atrair mais curiosidade e atenção dos leitores e estudiosos. É notável a presença do escritor português nos *sites* chineses. No *site* *Douban* (www.douban.com) (a maior plataforma chinesa de informações relacionadas com a vida, a literatura e as artes)² existe, desde 2006, um grupo

¹ Na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, está guardada uma breve edição de textos de Pessoa intitulada *Mar Português*, publicada em Macau em 1936. Esta edição foi oferecida aos alunos das escolas de Macau a 28 de Maio de 1936, ano da X Revolução Nacional (PIZARRO *et al.*: 2013: 224).

² Segundo a campanha oficial, o *site* neste momento conta com mais de cem milhões de membros inscritos.

dedicado a Pessoa.³ Fragmentos do *Livro do Desassossego* (da versão de Han Shaogong)⁴ aparecem frequentemente citados pelos utilizadores da plataforma *Sina Weibo* (www.weibo.com). De acordo com a nossa observação, é perceptível que há uma grande vontade, por parte dos leitores chineses, em conhecer melhor Fernando Pessoa. Este potencial ainda está por explorar. Se a tradução-introdução da obra pessoana conseguir satisfazer a curiosidade dos leitores e o interesse dos estudiosos; se os estudos pessoanos na China conseguirem acompanhar o ritmo dessa tradução-introdução, não temos dúvida de que poderá um dia ser um autor altamente reconhecido e valorizado na China.

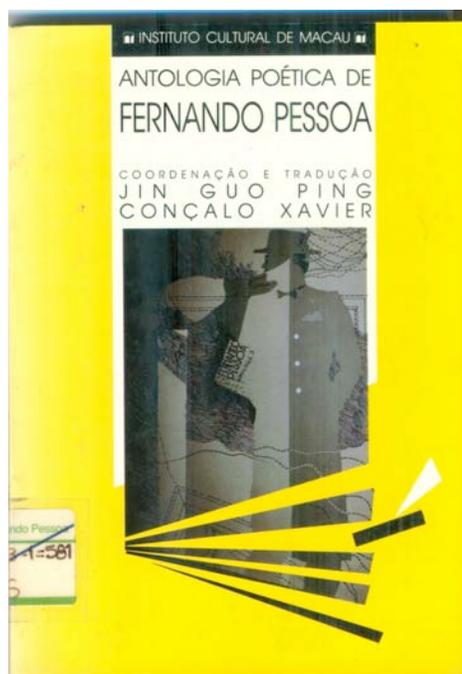


Fig. 1. *Antologia Poética* (1986)
coord. e tr. de Guoping e Xavier

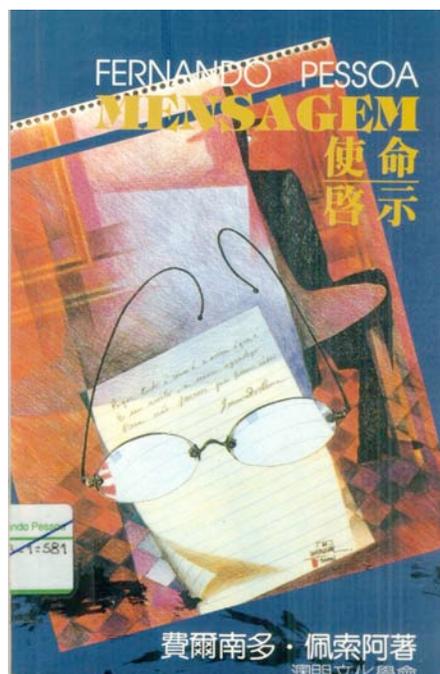


Fig. 2. *Mensagem* (1986)
tr. de Jin Guoping

Vejamos a tradução-introdução da obra pessoana na China, desde o início até hoje. A primeira tradução que conseguimos encontrar surgiu nos anos 80, ou seja, numa altura, como vimos anteriormente, marcada por intensos intercâmbios internacionais, bem como por vários grandes projectos da tradução-introdução de literatura estrangeira. Pessoa estreou-se para o público chinês em Macau. Em 1986, foram lançados dois livros: uma breve antologia poética, traduzida por Jin Guoping e Gonçalo Xavier (Fig. 1), e a *Mensagem*, traduzida também por Jin Guoping (Fig. 2). Os dois livros foram publicados pelo Instituto Cultural de Macau. Segundo os nossos conhecimentos, estes livros têm estado apenas disponíveis em Macau e em Portugal, não tendo havido recensões. Sendo a primeira tradução

³ O grupo conta com 2854 membros inscritos. No entanto, nem todos estão activos; nem todos trocam ideias sobre Fernando Pessoa.

⁴ Veremos melhor o caso desta versão mais adiante.

desta obra clássica (neste momento ainda é a única), apesar de alguns erros, esta versão tem uma grande importância histórica. Acompanhando a tradução, o prefácio é bilingue, escrito pelo poeta António Manuel Couto Viana e traduzido por Jin Guoping. Esta breve introdução à *Mensagem* acentua principalmente o patriotismo da obra. Hoje, obviamente, a interpretação do nacionalismo místico de Pessoa poderá ser mais completa e complexa.

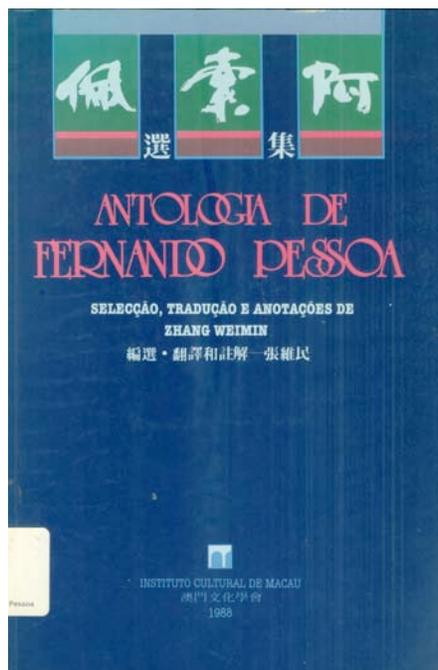


Fig. 3. *Antologia* (1988)
sel., tr. e anot. de Zhang Weimin

Em 1988, primeiro centenário do nascimento do nosso escritor, surgiu a *Antologia de Fernando Pessoa*, na China continental e em Macau (Fig. 3). Com selecção, tradução e anotações feitas por Zhang Weimin,⁵ esta antologia bilingue conta com duas versões: a versão em chinês simplificado, publicada pelo Instituto da Literatura Estrangeira da Academia das Ciências Sociais da China e subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e a versão em chinês tradicional, publicada pelo Instituto Cultural de Macau. Comparada com a *Antologia Poética de Fernando Pessoa* traduzida por Jin Guoping e Gonçalo Xavier, esta antologia apresenta uma visão mais segura da obra pessoana. O tradutor seleccionou poemas do ortónimo, dos heterónimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. No livro, os heterónimos são traduzidos como ‘pseudónimos dramáticos’, em chinês “戏剧性的笔名” (PESSOA, 1988: 3). Além disso, traduziu também as quadras ao gosto popular, algumas páginas de doutrina estética, a carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a

⁵ Poucas informações conseguimos acerca do tradutor. Só sabemos que ele trabalhou para o CIPG (China International Publishing Group). Agradecemos a ajuda da nossa professora Dra. Sofia Zhang Minfen, da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai.

gênese dos heterónimos e alguns fragmentos do *Livro do Desassossego*. A maior parte dos poemas foram escolhidos da colecção *Ática*; alguns da editora Presença, em edição de Maria Aliete Galhoz (PESSOA, 1985); as páginas de doutrina estética foram seleccionadas da edição de Jorge de Sena (PESSOA, 1976); os fragmentos do *Livro do Desassossego* também foram extraídos da edição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha (PESSOA, 1982). De resto, Zhang ainda traduziu o trecho sobre a vida do escritor, conforme este se apresenta em Saraiva (2001). Sendo um grande passo inaugural no que toca à divulgação de Pessoa na China, esta antologia foi, e julgamos que ainda é, uma referência importante para os que querem conhecer melhor Pessoa,⁶ apesar de alguns aspectos que hoje facilmente podem ser reajustados e actualizados. Por exemplo, a *Mensagem* é apresentada principalmente como a manifestação do “patriotismo” do escritor; o mito do Dia Triunfal é considerado como um facto histórico. No entanto, este livro encontra-se apenas num círculo muito restrito; aliás, pouco mais do que as bibliotecas das primeiras universidades chinesas a ter curso de licenciatura em língua e cultura portuguesas.⁷ Segundo o que sabemos, não chegou a ter uma segunda edição.



Fig. 4a. [*Livro do Desassossego*] (2004)
tr. de Han Shaogong

⁶ Infelizmente, não conseguimos encontrar recensões acerca deste livro.

⁷ Conhecemos este livro quando estávamos a estudar na Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. Julgamos que deve existir pelo menos uma cópia na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, e talvez também na Universidade de Comunicação da China (em Pequim).



Fig. 4b. [*Livro do Desassossego*] (2004)
tr. de Han Shaogong

Depois de uma década de silêncio, foi levado a cabo um segundo esforço com vista à edição de Pessoa na China. Desta vez, a iniciativa veio de fora do circuito de estudos portugueses: o '*Livro do Desassossego*', organizado e traduzido pelo famoso escritor chinês Han Shaogong,⁸ apareceu em 1999 (Figs. 4a e 4b). Esta edição, juntamente com '*Alberto Caeiro (Poesia e Prosa)*', traduzido por Min Xuefei e que iremos abordar mais adiante, são na nossa opinião os dois livros mais influentes na publicação da obra pessoana na China. Qualquer um destes dois livros merece uma recensão pormenorizada à parte. No entanto, dada a escassez dos materiais que possuímos neste momento, só podemos comentar alguns aspectos destes dois livros, baseando-nos na nossa experiência de leitura e nos nossos conhecimentos sobre a obra pessoana. Posto isto, não pretendemos de maneira nenhuma lançar uma opinião final acerca dos dois livros, mas antes sublinhar os aspectos que nos parecem mais importantes, a partir do nosso ponto de vista como investigadora. A leitura crítica irá cingir-se aos seguintes aspectos: primeiro, a fidelidade dos tradutores para com os textos de partida, junto com a

⁸ Han Shaogong (1953-) é um membro da CFLAC (China Federation of Literary and Art Circles). Como romancista, prosador e dramaturgo, foi reconhecido e premiado várias vezes dentro e fora da China. Foi condecorado pelo governo francês em 2002 como Chevalier da Ordre des Artes et des Lettres. Em 2007, ganhou o Prémio de Lu Xun, um dos dois mais prestigiosos prémios literários da China. Como tradutor, é conhecido por traduzido *A Insustentável Leveza do Ser* de Milan Kundera em 1987 e *O Livro do Desassossego* em 1999.

completude das informações nos textos de chegada; segundo, a adequação e a eficácia de transmitir as qualidades do autor/dos heterónimos, considerando a profundidade da compreensão dos tradutores acerca de Fernando Pessoa; terceiro, o esforço que os tradutores fizeram para tornar a linguagem acessível e apreciável para os leitores chineses, atendendo a preparação cultural e a tradição literária do contexto chinês.

Voltemos ao *Livro do Desassossego* traduzido por Han Shaogong. Esta tradução também conta com duas versões: a de chinês simplificado, publicada pela editora Literatura e Artes de Xangai;⁹ a de chinês tradicional, publicada em Taiwan.¹⁰ Na capa da versão de chinês simplificado, o nome do tradutor encontra-se curiosamente mais destacado do que o do autor. O tradutor não especificou a versão (supostamente francesa) em que se tinha baseado; apenas indicou que traduziu “4/5 da versão completa”¹¹ (*apud* PESSOA, 2004: 4). No prefácio, Han Shaogong esclarece que não é tradutor profissional, dizendo que a intenção dele era apenas despertar o interesse do público chinês pelo escritor português. Nesse sentido, consideramos que ele conseguiu cumprir a missão a que se auto-propôs. No entanto, é de notar que há várias marcas pessoais do tradutor nesta versão do *Livro do Desassossego*. No que diz respeito à estrutura do livro, Han teve grande autonomia na selecção e na organização dos fragmentos. Para cada um dos 109 fragmentos o tradutor escolheu um título. Por exemplo, para o fragmento que começa por “Viajar? Para viajar basta existir” (PESSOA, 2014: 469) o título escolhido pelo tradutor é em chinês: “旅行者本身就是旅行” (PESSOA, 2004: 124) (retraduzido para português: ‘Os viajantes são as viagens’). Quanto à linguagem da tradução, o tradutor-escritor não deixou de utilizar o seu estilo artístico. Como um prosador, Han Shaogong é destacado pelo seu imaginário fantástico e pela sua linguagem límpida e suave. Este estilo é bastante individual, o que faz com que esta tradução seja uma verdadeira recriação do texto original. Quando se toca à introdução, há algumas imprecisões sobre a vida de Pessoa e o *Livro do Desassossego*. Só para citar alguns exemplos: no prefácio, Han apresenta Pessoa como um poeta que “só começou a ter renome depois da morte” (*apud* PESSOA, 2004: 2). Diz ainda que durante a vida, Pessoa, sendo um “pequeno funcionário de empresa [...] pouco viajou, nem pouco saiu de Lisboa” (*apud* PESSOA, 2004: 3). O tradutor apresenta ainda o *Livro do Desassossego* como uma “obra prosaica na fase final do escritor” (*apud* PESSOA, 2004: 2) sob o nome de Bernardo Soares, autor ficcional criado por Pessoa. Falta também clareza e rigor à explicação do tradutor para a tendência alteronímica do autor. Quanto à recepção desta tradução: o livro teve um grande

⁹ Com muitas imagens, puramente decorativas, este livro é bastante volumoso.

¹⁰ Esta edição conta com uma introdução belíssima de Walis Nokan (escritor de Taiwan), ainda hoje disponível na net (<http://post.books.com.tw/bookpost/blog/8872.htm>), na qual o autor apresenta o contexto sociocultural do Modernismo português.

¹¹ As traduções do chinês para português são nossas.

sucesso, e deu a conhecer o nome de Fernando Pessoa ao grande público. Em 2004, foi lançada a segunda edição.



Fig. 5 [*Alberto Caeiro (Poesia e Prosa)*] (2013)
tr. de Min Xuefei

Depois de quase uma década, saíram em 2013 duas antologias de Pessoa: uma da editora Shijiwenjing, traduzida por Weibai; a outra, '*Alberto Caeiro (Poesia e Prosa)*',¹² da editora Shangwu (Fig. 5), por Ângela Min Xuefei,¹³ reconhecida tradutora de língua portuguesa e professora do Departamento de Línguas (Espanhol e Português) da Universidade de Pequim. A tradução de Min Xuefei baseia-se sobretudo na edição de Assírio & Alvim, com alguma referência cotejada com a edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Conforme as informações da tradutora,¹⁴ o livro foi muito bem recebido. As primeiras 5000 e as segundas 3000 cópias já foram todas esgotadas. Supostamente haverá uma terceira tiragem. Não é

¹² Seria o primeiro livro da colecção "Antologia de Pessoa". Quanto à prosa de Caeiro a que o título se refere, trata-se de dois textos. Um é "Entrevista com Alberto Caeiro" de Alexander Search (PESSOA, 1990: 359). O outro é um fragmento atribuído a Alberto Caeiro, começado por esta frase: "Como ele me disse uma vez: "Só a prosa é que se emenda"" (PESSOA, 1990: 402). A tradutora/organizadora escolheu esta expressão para título do texto.

¹³ No mesmo ano, Weibai (não domina a língua portuguesa) foi acusado por Min Xuefei de ter plagiado as traduções de Min Xuefei e Yang Tiejun, quando aquele traduziu a "Chuva Oblíqua". Como consequência deste incidente infeliz, a tradução de Weibai foi retirada do mercado.

¹⁴ Ângela Min está neste momento a preparar a sua tese de doutoramento sobre Clarice Lispector, na Universidade de Coimbra. Deixamos aqui os nossos sinceros agradecimentos a disponibilidade e as informações concedidas pela Prof.^a Dra. Ângela Min.

de admirar o tamanho sucesso. Segundo os exemplos que obtivemos,¹⁵ consideramos que a tradução consegue transmitir, com elegância, a clareza da escrita caeiriana. Não duvidamos, assim, que haja um alto valor estético nesta tradução. Ao mesmo tempo, julgamos que há certamente uma possibilidade de tornar esta tradução ainda mais exacta. Em primeiro lugar, a linguagem de Min Xuefei tem, como a de Han Shaogong, bastante individualidade. O estilo da tradutora é elegante, trabalhado, mantendo a tradição da poesia chinesa de dar a ênfase máxima à beleza da forma. Respeitando o gosto dos leitores chineses, naturalmente este estilo faz com que Caeiro seja bem apreciado na China, o que merece um louvor. Porém, considerando que Caeiro ocupa um lugar estratégico na poética dramática de Pessoa, julgamos que a aparente simplicidade da poesia caeiriana deve ser respeitada com rigor. A ironia é central na criação literária de Pessoa. A poesia caeiriana, como sabemos, é caracterizada pela dinâmica dialéctica, pelos paradoxos que escondem a suprema sofisticação debaixo da linguagem aparentemente simples e desornamentada. Na nossa opinião, devemos manter fiel à aparente simplicidade do estilo de Caeiro, deixando livre o espaço que a poética caeiriana criou, não tentando preenchê-lo. Parece-nos que há uma ligeira distância entre a linguagem da tradutora e a linguagem directa, nua, eficaz de Alberto Caeiro.

Discutamos um exemplo. Na tradução dos versos “Depois fugiu para o sol | E desceu pelo primeiro raio que apanhou” do VIII poema do *Guardador de Rebanhos* (PESSOA, 2009: 36), Min Xuefei escolheu um verbo literário e sofisticado (“攫获”) para traduzir o simples e coloquial “apanhou”. O VIII poema é muito irónico e forte. Parece-nos que esta força da poesia caeiriana encontra-se às vezes talvez demasiado suavizada pelo tom elegante da tradução. De resto, existem muito poucas imprecisões que poderão facilmente ser melhoradas nas edições futuras. Por exemplo, ainda no VIII poema do *Guardador de Rebanhos*, “Ao anoitecer brincamos as cinco pedras” (PESSOA, 2009: 39), na tradução só aparece ‘brincamos pedras’ (“石头游戏”), desaparece o “cinco”. A partir do nosso ponto de vista, não nos parece correcto omitir esta informação, sendo o número “cinco” muito importante na ideia do paganismo e no pensamento esotérico de Pessoa. É de notar que esta bela tradução ainda está acompanhada por uma introdução bastante completa sobre o Modernismo português, a vida de Pessoa, a criação heteronímica e os aspectos fundamentais do Neo-paganismo pessoano e da escrita de Alberto Caeiro.¹⁶

¹⁵ Estando em Coimbra e não tendo acesso ao livro, pedimos à tradutora para nos enviar a tradução dos poemas V e VIII do *Guardador de Rebanhos*. A tradutora enviou-nos a tradução original que está, segundo o que ela nos informou, igual à que se encontra no livro.

¹⁶ A introdução foi escrita também por Ângela Min, depois de ter consultado estudos de Fernando Cabral Martins, Richard Zenith, George Rudolf Lind e a *História da Literatura Portuguesa*, de A. J. Saraiva (2001).

Na nossa reunião com Ângela Min, obtivemos algumas informações em relação aos seus novos projectos. Em primeiro lugar, no que diz respeito à intenção de publicar a obra completa de Pessoa pela editora Shangwu, ainda é demasiado cedo para prever o passo seguinte. Neste momento, segundo a mesma tradutora, não há ainda possibilidades de lançar traduções, em volume independente, das poesias de Ricardo Reis, nem de Álvaro de Campos. Um possível passo seguinte seria reunir uma equipa de tradutores (mestrandos e doutorandos da Universidade de Pequim) para traduzir o *Livro do Desassossego*.

Posto isto, parece-nos que o actual ritmo da publicação da obra pessoana deverá acelerar, a fim de poder acompanhar melhor a curiosidade e o interesse dos leitores chineses. Aparte o limitado apoio material e financeiro, a falta de comunicação entre os tradutores, junto com a falta de comunicação entre os tradutores e os investigadores é, a nosso ver, o obstáculo que neste momento está a dificultar mais a tradução-introdução da obra pessoana na China. Como vimos anteriormente, o ensino e a investigação da literatura portuguesa na China ainda é uma área bastante recente e muito pouco desenvolvida. Neste contexto, a tradução com alta qualidade da obra pessoana exige naturalmente um grande trabalho de equipa e um esforço conjunto de várias gerações de estudiosos da filologia portuguesa. Segundo os nossos conhecimentos, este trabalho de equipa não está acontecer, ou pelo menos não está a ter a dimensão que deveria ter. Consequentemente, a tradução da obra encontra-se muito lenta, e além disso não está a ser acompanhada por uma introdução adequada e completa. A crítica pessoana na China, que se revela na maior parte dos prefácios e estudos que têm vindo a ser publicados com estas traduções que temos vindo a listar, necessita de se actualizar com urgência. Na nossa opinião, nesta fase é preciso e é possível apresentar, com rigor e seriedade, uma visão mais completa da vida e da obra de Pessoa, com a base em estudos sérios. Não é relevante estes serem já clássicos ou mais recentes; interessa antes que sejam estudos pertinentes e comprovados.¹⁷

¹⁷ Algumas interpretações, especialmente as escritas em inglês, por estudiosos norte-americanos, foram já traduzidos para chinês. Por exemplo, o ensaio "Fernando Pessoa: quádrupla personalidade" de John Hollander (1987), foi traduzido por Hu Xudong (célebre escritor e professor da Universidade de Pequim), publicado numa revista chinesa que se chama "Fórum Poético do Mundo Contemporâneo" (当代世界), sem mais informações *online*, e é conhecido pelos tradutores (especialmente aqueles que traduzem Pessoa a partir de inglês). Outras interpretações bem divulgadas são as de Edwin Honig (1988: ii) e de Richard Zenith (*apud* PESSOA 2001: 128), sobre a componente amorosa e sexual em Pessoa, apresentadas por Cheng Yishen, poeta e tradutor de *A Educação do Estóico* (PESSOA, 1999), em texto publicado em chinês no seu blog (*cf.* http://blog.sina.com.cn/s/blog_451a76b70102e69c.html, página *web* consultada em Maio de 2016). Sob a orientação de Hu Xudong, Huang Qian, tradutora e poetisa chinesa, publicou em 2010, na Universidade de Pequim, uma tese de mestrado (com cerca de 700 páginas) sobre Fernando Pessoa e a poesia modernista portuguesa do séc. XX, de que não se conseguiu achar a referência completa. Na nossa opinião, mesmo dentro do contexto académico, todos estes estudos acima referidos deveriam ser apresentados a um círculo maior.

Voltando ainda à questão da comunicação e da colaboração entre os tradutores e investigadores. Neste momento, há alguns investigadores chineses a realizar projectos de doutoramento relacionados com Pessoa, no estrangeiro (principalmente em Portugal, mas também nos EUA e no Brasil): é o nosso caso,¹⁸ é também o caso de Inez Zhou Xingyue¹⁹ e de Octávio Fu Chenxi.²⁰ Consideramos que é fundamental manter uma comunicação eficaz entre nós e os colegas na China, junto com os professores e colegas pelo mundo. Os nossos trabalhos acerca da obra pessoana estão principalmente publicados em português.²¹ A fim de dinamizar a tradução-introdução da obra pessoana na China, temos planos de publicar a nossa dissertação de mestrado em chinês.²²

Em conclusão, a publicação da obra de Pessoa na China ainda se encontra numa fase inicial. Porém, já existem alguma base crítica e uma considerável curiosidade dos leitores. Estas condições são benéficas de modo a que se reúnam esforços, provenientes de várias partes, para revelar, aos potenciais leitores, uma visão cada vez mais completa da vida e da obra de Pessoa. Esta missão cabe principalmente a todos os estudiosos, professores e estudantes de língua portuguesa na China e pelo mundo. A obra pessoana merece estar activa no meio da língua chinesa. Cremos que a sua tradução-introdução não tem só um sentido, mas vários: juntos poderemos intensificar os diálogos entre Fernando Pessoa (talvez a literatura de língua portuguesa em geral), a literatura de língua chinesa e a literatura de várias outras línguas.

¹⁸ Estamos a concluir a nossa tese de doutoramento “Problemática Metafísica e Poesia Portuguesa da Modernidade”, sob a orientação dos professores José Carlos Seabra Pereira e Jerónimo Pizarro.

¹⁹ Inez Zhou é doutoranda na Universidade da Califórnia, Santa Barbara. Está neste momento a preparar a sua tese de doutoramento “Slippage Between Garbage and Language in Modern Portuguese and American Poetry”, sob a orientação de Yunte Huang, Maurizia Boscagli, João Camilo, Colin Gardner e Nuno Júdice. Agradecemos a disponibilidade e as informações concedidas pela Dra. Inez Zhou.

²⁰ Octávio Fu obteve o mestrado na Universidade de Coimbra; encontra-se actualmente na Universidade da Califórnia, Santa Barbara.

²¹ Dois exemplos, ambos de 2013: “Repensar a Qualidade Zen de Alberto Caeiro”, na revista *Cadernos de Literatura Portuguesa* da Universidade do Porto; “A Máquina Triunfal”, na revista *Materialidades da Literatura Portuguesa* da Universidade de Coimbra.

²² *Mundividência Esotérica e Poética Iniciática de Fernando Pessoa*, sob a orientação do Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira, Universidade de Coimbra, 2012.

Bibliografia

- HOLLANDER, John (1987). "Quadrophenia", in *The New Republic*, 7 de Setembro, pp. 33-36.
- HONIG, Edwin (1988). "Some words in the entryway", in Fernando Pessoa, *Always Astonished: Selected Prose*. Tradução de Edwin Honig. San Francisco: City Lights Publishers.
- PESSOA, Fernando. (2015). *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2014). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. 3ª ed. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2013). 阿尔伯特·卡埃罗 [‘Alberto Caeiro (Poesia e Prosa)’]. Tradução de Min Xuefei. Pequim: Shangwu.
- _____. (2009). *Alberto Caeiro: Poesia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. 3ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2004). 惶然录 [‘Livro do Desassossego’]. Selecção e tradução de Han Shaogong. 2ª ed. Xangai: Literatura e Artes de Xangai.
- _____. (2001). *Fernando Pessoa: The Selected Prose of Fernando Pessoa*. Tradução de Richard Zenith. New York: Grove Press.
- _____. (1999). *A Educação do Estóico*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1990). *Pessoa por Conhecer*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990.
- _____. (1988). 佩索亚选集 – *Antologia de Fernando Pessoa*. Selecção, tradução e anotações de Zhang Weimin. Pequim: Instituto da Literatura da Academia das Ciências Sociais da China, Fundação Calouste Gulbenkian [versão em chinês simplificado] / Macau: Instituto Cultural de Macau [versão em chinês tradicional]. [Edição bilingue].
- _____. (1986b). 使命 / 启示 – *Mensagem*. Tradução de Jin Guoping. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- _____. (1986a). *Antologia Poética de Fernando Pessoa*. Tradução e coordenação de Jin Guoping e Gonçalo Xavier. Macau: Instituto Cultural de Macau. [Edição bilingue].
- _____. (1985). *Fernando Pessoa*. Introdução e selecção dos textos de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Presença.
- _____. (1982). *Livro do Desassossego*. Edição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Ática.
- _____. (1946). *Páginas de Doutrina Estética*. Selecção de Jorge de Sena. Lisboa: Inquérito.
- _____. (1936). *Mar Português*. Macau: Imprensa Nacional de Macau.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2013). *Os objectos de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's objects. Acervo Casa Fernando Pessoa / Fernando Pessoa House Collection*. Vol. II. Lisboa: Dom Quixote.
- SARAIVA, António José. (1985). *História da Literatura Portuguesa*. 13ª ed. Porto: Porto Editora.
- ZHOU MIAO, Cristina (2013a). "Repensar a Qualidade Zen de Alberto Caeiro", in *Cadernos de Literatura Portuguesa*, n.º 28 79-89.
- _____. (2013b). "A máquina triunfal: a importância da máquina de escrever na proliferação heteronímica de Fernando Pessoa", in *Materialidades da Literatura Portuguesa*, n.º1, pp. 125-133.